

WALTER WANDERLEY

SAUDAÇÃO À CIDADE DO NATAL

Discurso pronunciado por WALTER WANDERLEY, na CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, no dia 26 de setembro de 1974, ao receber o título de CIDADÃO NATALENSE, sendo saudado pelo seu presidente, Dr. ÉRICO DE SOUSA HACKRADT.

1974

GRÁFICA PARAISO LTDA.
Fone 35-8130 - Belo Horizonte

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
LABORATORY OF ORGANIC CHEMISTRY
CHICAGO, ILLINOIS

REPORT OF THE
COMMISSIONERS OF THE
LAND OFFICE
OF THE STATE OF ILLINOIS
FOR THE YEAR 1880

CHICAGO: PUBLISHED BY THE
STATE OF ILLINOIS, 1881.

Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

SAUDAÇÃO À CIDADE DO NATAL

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO
NATAL, DR. ÉRICO DE SOUSA HACKRADT,
SENHORES VEREADORES,
SENHORAS E SENHORES:

Esta é uma Casa política. Aqui estão as forças que dividem o eleitorado norte-rio-grandense da Capital, a ARENA e o MDB, coerentes e disciplinados, trabalhando e legislando pelo bem e pelo progresso deste pedaço de chão potiguar.

Vamos deixar de lado essa "ciência tateante", na expressão de Câmara Cascudo, e falar deste reencontro que demorou muito tempo, mas que se realizou, enfim, entre aquele que aqui viveu grandes momentos de sua vida, e, um dia, teve de partir, mas que tem voltado sempre, todos os anos, trazendo aos seus conterrâneos novas mensagens, diferentes daquelas de que se fez arauto de 1945 a 1951. As mensagens de agora são de cultura e inteligência, através de livros que tenho escrito, das palestras e conferências que tenho pronunciado, e que trazem no seu âmago um pouco da história dessas cidades onde o autor viveu e trabalhou.

MACAU, MOSSORÓ, NATAL e ASSU estão nos meus livros, decantadas, exaltadas, revividas. Neles, estão estudados os

fatos históricos da terra e de seu povo, a genealogia de famílias tradicionais, a escola de outro tempo e seus grandes mestres, os feitos da Abolição da Escravatura, a exaltação e revivescência daquelas figuras que construíram uma civilização, plasmando-a futuro adentro. Têm sido estes os assuntos e temas de meus livros — minha terra e meu povo — onde os revejo, permanentemente, dentro de minha saudade, do meu apreço, dessa vontade constante de voltar, sempre que posso, para abraçar gente e terras do meu coração.

É o que tenho feito. É o que farei sempre que a saudade motivar, toda vez que for convocado, como tenho sido, para as grandes datas e acontecimentos cívicos de minhas cidades, honrado pelo convite e pela lembrança, e certo de que, hoje como ontem, muito ainda poderei fazer por esses lugares que amo verdadeiramente.

Sim, essas terras estão nos meus livros. Chamo-as, fraternalmente, de **minhas cidades**, como o filho que ama de igual para igual pai e mãe e não sabe distinguir o que mais pesa nas suas afeições, dada a recíproca afetiva e sentimental. Numa, nasci, nessa saudosa MACAU chamada pelo seu maior poeta de **"terra calma e boa"**. Noutra, a inesquecível MOSSORÓ, criei-me, estudei, casei-me, onde nasceram os meus filhos, trabalhei, lutei, recebi mandatos legislativos, terra que outro poeta, também grande, chamou num poema épico de **"palco de luz, de ideal colorido"**, ou, ainda, nessa querida ASSU que é o berço de todos os Wanderley, recordado por um dos nossos familiares, o desembargador-poeta Antônio Soares através daquele **"cordeirinho branco, esguio e vigilante, solitário, a girar, na torre da Matriz"**, e nesta encantadora NATAL onde completei meus estudos secundários e me afirmei na sua política, aqui vivendo e participando de seu governo, e que **"guarda, como um símbolo sagrado, / a alma de poetas, mártires e heróis"**, do verso de Jaime Wanderley.

Mas, foi em razão do malogro da última campanha que, sofrendo na carne o resultado negativo de uma eleição, pois dediquei-me mais aos outros do que a mim, resolvi emigrar. Entendi que, diante de tantos desencantos, era aconselhável deixar minha terra, por uns tempos. Fui para o Rio de Janeiro, atendendo ao convite de meu tio, João Augusto da Fonseca e Silva, que participara, comigo, da campanha. Mesmo, perdera tudo: liderança político-partidária, meu mandato legislativo, situação empregatícia e algumas amizades caras. Sairia,

assim, com dignidade e sem medo. No Rio, recomecei minha vida. Lutei, trabalhei e posso dizer, sem jactância: venci! O verbo vencer, aqui, não quer dizer "riqueza de ouro", mas afirmar-se pelo trabalho, pelas amizades cimentadas, pelo comportamento e pela glória de ser sempre recebido na minha terra, como o bom filho que se foi e que sempre volta, na concepção daquela frase sugestiva do eminente escritor José Américo de Almeida: — **"Ninguém se perde na volta"**. O notável Nilo Pereira, glória literária de nossa terra, fiel às suas origens e eterno enamorado do **"vale verde e esplendoroso"**, do seu Ceará-Mirim, ao fazer-me a saudação, quando tomei posse na Academia Norte-Riograndense de Letras, teve esta expressão que guardei como uma das coisas gratas e eternas: — **"E voltar não é apenas vir de novo, mas não esquecer o que deixou pelo milagre da permanência de fatores imponderáveis, que a distância não apaga"**. Eis duas verdades, dois pensamentos filosóficos sobre os que voltam, como nós, para colher o que plantou, como tantos que jamais esquecem a **"terra dadivosa e boa"**.

Mas, senhores, esta Natal, como as outras **minhas terras**, está presa ao meu afeto e sentimento. Aqui vivi na juventude, aluno do Colégio "Pedro II", direção do Professor Severino Bezerra de Melo, um grande mestre, que morreu meu amigo, numa admiração e amizade recíprocas, sempre saudoso e sempre querido. Depois desse estudo, aqui voltei inúmeras vezes, quer chefiando delegações esportivas, quer participando de acontecimentos sociais ou de conclaves assistenciais do S.E.R.A.S e da LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA, de convenções políticas como membro de seus diretórios, e revendo, nessas ocasiões, lugares inapagáveis de minha memória. Tenho, aqui, o meu domicílio eleitoral.

Aqui estou todos os anos, e os que me conhecem sabem, perfeitamente, disto. Revejo, no milagre da volta, essas ruas que foram minhas, abraço os amigos que deixei, meus familiares queridos, faço novas amizades, lanço meus livros, venço as eleições para uma Cadeira na Academia Norte-Riograndense de Letras, sou eleito para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, recebo homenagens, e, mais recentemente, ingresso na Academia Diocésia. São estas, indiscutivelmente, instituições de alto padrão de cultura e prestígio de nossa terra, e que abrigam o que melhor possuímos nas letras potiguares.

Quem é que não quer bem e não ama, ardentemente, esta Capital que tem o nome consagrado ao nascimento do Menino

Jesus? Quem não tem, nesta terra, uma passagem, um fato, um acontecimento telúrico e sentimental que, como as raízes das grandes árvores, foram se firmando para sempre, pois mesmo aos **"golpes do machado bronco"**, na expressão de Augusto dos Anjos, rebentam de seus troncos, o mais das vezes, ramos esplendorosos que vicejam, crescem e se multiplicam!

Amo NATAL como uma das **minhas cidades**. Não digo isto, hoje, neste momento, como uma simples figura de retórica. Já o disse nos meus livros, nas páginas que escrevi de exaltação à **"doce e evocativa Natal"**. Quero-a na evocação proustiana de um passado que, como Nabuco, direi que **"jamais se me retira da vista esse pano de fundo que representa os longes de minha vida"**, pois à semelhança de Gilberto AMADO, levo, por onde vou, por onde passo, por onde vivo, **"a vastidão de todas essas paisagens dentro da alma"**. Amo NATAL pela lembrança e pela saudade do meu tempo, pelas ruas que andei, as **"peladas"** de que participei, de **"pés descalços e braços nus"**, por todos esses recantos de traquinagens e **"extravagâncias"** próprias da idade.

NATAL é, permanentemente, uma paisagem multicolor e inesquecível. Num lance de **kodak** visualizemos cada um dos poetas que têm decantado sua beleza, através de versos encantadores e rimas maravilhosas.

Ferreira Itajubá, expressão máxima da poesia lírica norte-riograndense, no seu tempo, já dizia:

"Natal é um vale verde entre coqueiros,
Logo que surge a luz das alvoradas.
Vão barra afora as velas das jangadas,
Cessam no rio as trovas dos barqueiros".

A nossa Palmira Wanderley, a ave canora que deixou de cantar na gaiola de ouro de seus sonhos cor de rosa, de seu mundo, via Natal assim:

"Salve Rainha do Potengi! Salve senhora!
Bendito, o fruto que floriu de ti,
— NATAL, cidade aurora!"

O sempre saudoso Otoniel Meneses viu Natal na beleza destes versos, no seu canto de amor e saudade aquela **"Praieira de**

meus amores”:

“Praieira do meu pecado,
Morena flor, não te escondas!
Quero ao sussurro das ondas
Do “Potengi” amado,
Viver sempre a teu lado”.

Jaime dos G. Wanderley, outro grande poeta e eterno cantor da terra natalense, onde nasceu, assim se manifesta na expressividade de sua rima:

“Caçula das cidades brasileiras,
Cidade alegre, encantadora Criança!

.....

Quem dirá que não sonhe minha cidade?
Se ela é feita de lendas e de glória...
Evocando, enche os olhos de saudade
Na beleza imortal de sua história”.

Edinor Avelino, o bizarro cinzelador de “MACAU”, que é o hino oficial daquela terra que **“possui miragens e esplêndidas salinas”**, deu outras asas ao seu pensamento, alçou outros vôos e vem falar-nos da música de Tonheca Dantas:

“Maestro, toque “Roial Cinema”. É excepcional a sua fama. Outrora, essa valsa se ouvia na terra natalense, obtendo a primazia nos bailes, na retreta, em toda capital”.

Irma de Varela, a “poetisa de alma sensível”, lá de Brasília, evoca sua terra até no gosto da água de coco, no farfalhar das folhas dos coqueiros, na voz do vento e como a repetir aquele verso antológico **“as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”**, extravasa toda sua saudade na simplicidade deste canto:

“NATAL querida,
Escrevo-te agora,
Contando uma verdade:
O coco daqui não tem gosto...
Seus coqueiros não sorriem...
O vento quando sopra é grosseiro”.

Outro grande poeta, Cosme Lemos, sempre inspirado e sentimental, meu querido companheiro de lutas intelectuais e políticas em terras mossoroenses, brinda Natal e este seu amigo, como brindou Mossoró, com o fulgor de sua inteligência, através deste soneto NATAL:

“Natal, MENINA MOÇA do Oceano,
Que a beija com amor em suas praias...
Natal, princesa revoando as saias
De rendas, sobre o Mar, seu Soberano.

Mar Soberano e Pai! Rei muito ufano,
Enfeitando a princesa com alfaias
De ondas verdes, azuis, lindas cambraias
Espumantes, no riso sobre-humano.

Natal do dia em que nasceu JESUS,
Natal do SANTO PADRE JOÃO MARIA,
Natal! Que sempre venerou a cruz!

Natal, a Canaan de leite e mel...
Natal, própria “PRAIEIRA” da Poesia
Cantada pelo grande OTONIEL!”

Sobre este acontecimento, a outorga desta Cidadania, eis que o poeta a festeja com esta quadra:

“Meu Cidadão Natalense
quando aqui você chegar,
não durma, reflita, ou pense,
pois as águas vão rolar”.

Renato Caldas exalta Natal nas páginas de seu livro “Poesias”, na linguagem cabocla:

“Natá, morena encantadora
qui véve sempre estirada
na “Areia Preta” a cantá...”

O poeta Luís Rabelo, no seu livro “Último Canto”, que mandei publicar quando dirigi “A República” (Imprensa Oficial), vê Natal deste modo:

“Do antigo trapiche em ruínas
Contemplo, solitário, a estranha perspectiva,
O Sol põe largos incêndios de ouro
Na face polida do velho Potengi”.

Minervino Wanderley de Siqueira, de raízes assuenses, mas eterno enamorado de Natal, assim diz:

“NATAL, cidade criança
De sonho, de amor, poesia,
Deus te conserve a esperança...
— Pão nosso de cada dia”.

O nosso Esmeraldo Siqueira, escritor e poeta de méritos, homem de alta cultura, fala de sua rua dentro desta saudade nas páginas de seu livro **“Música no Deserto”**

“Morei seis anos na rua da Palha.
Seis anos tão longos,
Talvez os mais longos de quantos vivi.
.....

Rua da Palha, rua de minha infância,
Mudaram-te as pedras, pintaram-te as casas,
Algumas até não mais existem.
Mas, para mim, serás sempre a mesma,
Imutável e viva na dor da lembrança”.

NATAL da Capitania de João de Barros, quando o Brasil amanhecia, das tentativas de colonização, da presença francesa, da expedição de Mascarenhas Homem, da construção do Forte dos Reis Magos, das pazes com os indígenas, da fundação da Cidade!

NATAL fundada a 25 de dezembro de 1599, por Jerônimo d'Albuquerque, até que se prove o contrário. **“A cidade nasceu num aniversário divino. Pacificado o indígena foi demarcado o sítio. O ponto tradicional tido e havido onde a cidade foi fundada, é a atual Praça André de Albuquerque, largo da Matriz, Rua Grande de outrora. Teriam celebrado missa e erguido uma Capelinha que, no mesmo ponto, e sob reformas incessantes através do tempo, é a Catedral, na mesma Praça”**, ensina Câmara Cascudo. Direi sob o impacto desta emoção: Cidade que vem das noites do tempo para a claridade destes dias! Cidade de nós todos, dos que aqui nasceram, dos que aqui

vivem e trabalham. Cidade encantadora, ensolarada, linda, de gente boa é comunicativa, de bairros amplos, alegres, como **Tirol** e **Petrópolis**, acolhedor e movimentado como o **Alecrim**, tradicional como as **Rocas** e outros novos que se criaram e que são de sugestivo aspecto e rara beleza. **Cidade Alta** e **Ribeira** são dignos também desta menção!

NATAL dese legendário FORTE DOS REIS MAGOS, "**primeira morada cristã, primeiro lar onde o lume clareou de fixação pacífica, orgulho lusitano durante duzentos anos**", diz, ainda o historiador e sempre brilhante Luís da Câmara Cascudo. Na manhã daquele 6 DE JANEIRO DE 1598, iniciara-se a construção do Forte feita de taipa e barro. A 24 DE JUNHO, dia de S. João, Jerônimo d'Albuquerque o recebia com solenidade, "**jurando defendê-lo e só entregar a praça aos delegados del Rei**", registra a história. Um ano depois a Cidade nasceria. Valho-me, outra vez, de Mestre Cascudo: — "**O Forte era a conquista imóvel, apenas legitimava o deserto. Ao redor, escondido detrás dos morros, nas encostas das dunas, nos bosques de cajueiros, ao longo das areias alvas, espreitavam ao Potiguares**".

A construção de pedra dera-se entre 1614 e 1619.

Forte que fica a setecentos metros da barra do rio **Potengi**, montado sobre os arrecifes que tanto percorri nas quadras da juventude, nas correrias da **Praia do Meio**, até lá, ou na pesca dos siris com a maré baixa, penetrando aquele "**portão largo e severo**". Velho Forte de Armas que recebeu a denominação de "REIS MAGOS", porque sua construção, como já foi dito, tivera início naquele 6 DE JANEIRO, Dia de Reis, na versão de Varnhagen, referendada por Luís da Câmara Cascudo, Vicente de Lemos, Tavares de Lira e Rocha Pombo.

Velho Forte que assinala o heroísmo de Pero Mendes de Gouveia, negando-se a entregá-lo, apesar de gravemente ferido, ao invasor holandês, protestando contra a rendição, "**assim que vê o diretor van Keulen, Bijma e o conselheiro Servaes Carpentier**", como a descreve o autor de "**Os Holandeses no Rio Grande do Norte**". E aí começou o domínio holandês que durou 21 anos. Desde aquele 12 de dezembro de 1633 a fevereiro de 1654. E, na Capelinha da **Praça de Armas**, estava o painel dos Três Reis Magos, testemunhas mudas da história. Era, agora, o **Castelo de Keuler**, entregue ao capitão Joris Gartsman.

Depois desse domínio, de tanto massacre, de tantas lutas, da epopéia de Guararapes, a ocupação holandesa chega ao fim.

Em fevereiro de 1654, com 850 soldados, o capitão Francisco de Figueiroa penetra, vitorioso, no forte. **“Na mesma tarde, com salvas do ordenança, subiu, lento no ar aluminoso, a velha bandeira que descera, vinte anos antes, aos olhos vencidos e heróicos de Pero Mendes de Gouveia”**, na descrição lírica do mestre da história norte-rio-grandense.

Velho Forte! Marco histórico de bravura e de luta! Assinala uma fase triste para o nosso Estado e que só deixou mesmo de proveitoso, perdoem-me a imodéstia, esse ramo familiar a que pertencço, e que se tem afirmado através de seus filhos nas letras, nas forças armadas, no comércio e na indústria, no sacerdócio, na medicina, na advocacia, no magistério, na magistratura, enfim em todos os ramos de atividade, constituindo-se, hoje, esta árvore frondosa, plantada em terras pernambucanas, e que se distende por todo o Rio Grande do Norte e pelo Brasil. Isto devemos a esse bravo Gaspar van der Ley que decidiu ficar no Brasil, em Pernambuco, fascinado pela beleza morena de D. Maria Melo, com quem se casou por volta de 1640. Pois esse guapo coronel do Regimento de Burgueses, ex-capitão de cavalaria batavo, comandante da Fortaleza de Santo Agostinho, amigo sincero e devotado do Conde Maurício de Nassau, deixou-nos grandes exemplos e um nome que devemos cultuar como têm feito os **nostros** maiores, pois na história de sua vida não se encontram atrocidades nem desatinos.

NATAL dos Capitães-Mores, desde esse Manuel Mascarenhas Homem, seu primeiro governante, e que comandou a expedição colonizadora do Rio Grande do Norte, em dezembro de 1597, seguido de Jerônimo d'Albuquerque, até março de 1599, e de João Rodrigues Colaço até meados de 1603. Dá-se, então, a volta de Jerônimo d'Albuquerque à governança, até fins de 1609, dizem os historiadores. E parte daí uma seqüência de nomes até Sebastião Pimentel, em 1693, quando faleceu.

Vem a fase dos **Governos do Senado da Câmara**, de marcante atuação na vida político-administrativa do Rio Grande do Norte, de real prestígio, e que chega até janeiro de 1812, destacando-se os governadores Sebastião Francisco de Melo Póvoas, que permaneceria até 1816, e de José Inácio Borges, nomeado a 4 de março de 1816 e que assumiria a 16 de novembro do mesmo ano. Foi preso pelos revolucionários a 23 de março de 1817 e mandado para o Recife.

Temos, aí, o **Governo Republicano** de 1817, presidido pelo coronel André de Albuquerque, de 29 de março até 25 de abril

de 1817, quando foi preso e assassinado, ferido mortalmente, a espada, em pleno Palácio do Governo, e enviado para a Fortaleza dos Reis Magos, onde veio a falecer. Seguem-se o **Interino**, de 26 de abril a 17 de junho de 1817, a **Junta Constitucional Provisória** até 7 de fevereiro de 1822, o **Temporário**, de 7 de fevereiro de 1822 a 18 de março do mesmo ano, e nova **Junta de Governo Provisório**, até 5 de maio de 1824, presidida por Manuel Teixeira Barbosa, presidente da Câmara Municipal.

Segue-se o período dos **Governadores da Província**, dos mais expressivos na vida administrativa do nosso Estado, sendo seu 1.º presidente Tomás de Araújo Pereira, que governou de 5 de maio a 8 de setembro de 1824, seguido de tantos nomes ilustres como Basílio Quaresma Torreão, de 1833 a 1836, Estêvão José Barbosa de Moura, de 6 de julho a 4 de dezembro de 1841, até Casimiro José de Moraes Sarmento, de 1845 a 1847, quando faleceu. É aí que assume o governo da Província o bravo jornalista liberal João Carlos Wanderley, o "assombrante", na expressão de Câmara Cascudo, e que, como vice, estaria à frente do governo por quatro vezes, de 1847 a 1850. Temos, ainda, outros nomes para destacar, e, dentre estes, Vicente Inácio Pereira, avô do escritor Nilo Pereira, 1.º vice, nomeado a 1.º de fevereiro, governou até março de 1879, assim como o Dr. Luís Carlos Lins Wanderley, (o primeiro noroeste-grandense a doutorar-se em Medicina), 1.º vice, esteve no governo de 30 de outubro a 11 de novembro de 1886. E surge, então, o nome de Fausto Carlos Barreto, 48.º e último Presidente nomeado no regime imperial, que governou de 12 de julho a 23 de outubro de 1889. Com o advento da República estava à frente do governo, Antônio Basílio Ribeiro Dantas, que foi o 28.º vice na governança do Estado que teve, como foi dito acima, 48 presidentes.

Proclamada a República, no Estado do Rio Grande do Norte, a 17 de novembro de 1889, como se vê na Ata histórica encabeçada por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, coube ao grande chefe republicano a sua presidência até 8 de fevereiro de 1890, sendo substituído por Jerônimo Américo Raposo da Câmara, até 10 de março daquele ano. Dá-se a volta de Pedro Velho, até 8 de novembro de 1890. Verifica-se, aí, a eleição pelo Congresso Estadual, de Miguel Joaquim de Almeida Castro, posse a 9 de setembro, sendo deposto a 28 de novembro de 1891.

É constituída a **Junta Governativa**, que administrou de 28 de novembro de 1891 a 22 de fevereiro de 1892 e composta do Coronel Francisco de Lima e Silva, comandante do 37.º B.C., dos drs. Joaquim Ferreira Chaves e Manuel do Nascimento Castro e Silva.

Volta Pedro Velho a governar o Rio Grande do Norte, agora eleito governador, posse a 28 de fevereiro de 1892. E vêm, a seguir, Joaquim Ferreira Chaves, Governador, eleito em 14 de junho de 1895, até 1900, Alberto Maranhão, Governador, de 1900 a 1904, Augusto Tavares de Lira, Governador, posse a 25 de março de 1904, que renunciaria a 5 de novembro de 1906. Ascende ao governo Manuel Moreira Dias, 1.º vice, que governa de 5 de novembro de 1906 a 23 de fevereiro de 1907. Dá-se a eleição de Antônio José de Melo e Sousa, Governador, para completar o quadriênio Tavares de Lira, e que governou até 25 de março de 1908. É novamente eleito Alberto Maranhão, Governador, para o período de 25 de março de 1908 a 1.º de janeiro de 1914, pois a Constituição Estadual de 25 de março de 1907, aumentara para seis anos o período governamental. Volta Joaquim Ferreira Chaves, Governador, de 1.º de janeiro de 1914 à igual data em 1920. O Dr. Antônio José de Melo e Sousa é eleito e assume como governador, de 1.º de janeiro de 1920 a 1924, pois já aí a Constituição Estadual de 25 de março de 1915 restabelecera o quadriênio. Segue-se no governo o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, Governador e, pela reforma da Constituição, Presidente do Estado. Assume a 1.º de janeiro de 1924 até a mesma data em 1928. Substitui-o o Dr. Juvenal Lamartine de Faria, Presidente. Posse a 1.º de janeiro de 1928, deixa o governo a 5 de outubro de 1930 (terminaria o mandato a 1.º de janeiro de 1932), em face da revolução de 1930, vitoriosa. Daquela época da fase dos interventores nomeados pela Revolução à eleição e posse do Dr. Rafael Fernandes, em 29 de novembro de 1935, dos interventores designados pelo golpe getulista de 1937 aos governadores eleitos em 1947, aos nossos dias, todos sabemos e conhecemos os seus nomes.

Desde aqueles primórdios, até hoje, quais as denominações dadas a esta Capital? Chamara-se, antes, **Cidade de Natal do Rio Grande**. Diz-se haver sido chamada, também **Cidade dos Reis**, segundo o mapa de João Teixeira, de 1612, no **Livro que dá Rezão ao Estado do Brasil**. Vêm, a seguir, outras denominações: **Natal de los Reys**, **Cidade Nova**, **Cidade de Santiago**, **Nova Amsterdam**. Enfim, "para o bem de todos", ficou mesmo

o topônimo NATAL, cidade bonita, simples, acolhedora, qual um presépio ao ser avistada, de longe, sobre os morros de areia alva. Já experimentei essa sensação de euforia e deslumbramento quando aqui cheguei, naquele 1928, pela primeira vez, viajando no carro Ford desse grande amigo e coestadano que é Tadeu Vilar de Lemos, vindo de Macau, viagem que demorou dois dias!

Revendo as páginas do "**Natal do meu Tempo**", o livro de João de Amorim Guimarães, vamos conhecendo a antiga vida boêmia da cidade, com seus poetas e seresteiros, suas figuras populares, os pregões tradicionais, o culto às tradições religiosas, seu folclore rico e exuberante. Lá está bem fixada a **Potiguarânia**, de Ezequiel Wanderley, em 1919, centro agitado e divertido da intelectualidade daquele tempo, que depois passaria a chamar-se "**Café Magestic**", agora dirigido por outro poeta, Jorge Fernandes, alegre, comunicativo, cheio de boa sátira. Continuou sendo teatro de acontecimentos que marcariam a vida da cidade, com os encontros de intelectuais natalenses e de outros centros, com a "Diocésia" ali nascendo, vivendo e desaparecendo, para ressurgir, depois, mais atuante. No "**Magestic**", o batismo obrigatório era um cálice da melhor aguardente dos alambiques do Ceará-Mirim. Até o poeta Manuel Bandeira, abstêmio, passou por essa prova...

Ao lado desse famoso "**Café Magestic**", ficava o "**Royal Cinema**", do velho Leal, sempre exigente e possesso quando nós estudantes fazíamos qualquer assuada. Ele parava a fita e vinha para a platéia exprobar, aos gritos, aquela "falta de educação", como dizia. Permanecíamos calados como se nada houvesse acontecido. Ah, se ele vivesse os dias de hoje, como aguentaria?

Lá na **Ribeira** ficavam o **Cinema Politeama**, a rua dr. Barata, tradicional, logo adiante a avenida Tavares de Lira e a rua Chile, centros nervosos do comércio e da vida social e política da cidade, de presenças ilustres e constantes de governadores, deputados, intendentess, desembargadores, comerciantes, etc. Naquele sobrado grande, da **Tavares de Lira**, que começava na rua **Chile** e termina na **Frei Miguelinho**, funcionava o jornal "A República", Órgão Oficial do Estado. Lá faziam **ponto obrigatório** os políticos situacionistas, prática adotada desde o governo Ferreira Chaves. Naquela avenida ficavam o "**Café Cova da Onça**", "**O Anaximandro**", com seus inúmeros bilhares, o "**Aero-Bar**", o "**Gato Preto**", o "**Café Globo**", etc. Na **Cidade**

Alta havia o tradicional “**Café Avenida**”, depois “**Grande Ponto**” que, justamente, deu nome a esse local de encontro dos natalenses no comentário de cada dia, das “**tricas e futricas**” sociais e políticas. E os hotéis? Conhecemos o **Internacional, Avenida, dos Leões, Central, do Grande Hotel** ao **Reis Magos** e **Samburá** de hoje.

E os **Carnavais**? O primeiro que os mais velhos recordam, é o da **Rua da Palha** (Vigário Bartolomeu), que João Guimarães chama de “**rua estreita, modesta, feia, mas divertida, enfeitada, ardente de alegria e vibração**”. A banda de música ficava num palanque armado na **Rua Ulisses Caldas**, confrontante. No meu tempo, o curso carnavalesco era na **Avenida Tavares de Lira**. Depois, transferiram-no para a cidade.

O **NATAL CLUBE** era a sociedade granfina da cidade, ali no cruzamento da atual **João Pessoa** com a **Avenida Rio Branco**, ao lado da **Pracinha Presidente Kennedy**, onde se acha instalado, hoje, um estabelecimento bancário. Era de um pavimento só. O salão de danças, enorme, o bar, um terraço, cozinha e salas de jogos. O “sereno” era numeroso e “tesourava”, impiedosamente, os que dançavam. Era o clube da alta sociedade natalense. Vieram, depois, o **AERO-CLUBE** e outros dos **nossos dias**.

E **AS BANDAS DE MÚSICA**? Contam que a que mereceu mais admiração nesta capital, foi a **FANFARRA NATALENSE**. Animava todos os **Carnavais**. Uma banda completa. O maestro **Vicente Gleider** fardava-se de **Conde de Filomeno**, exibia uma cabeleira que faria inveja até aos “cabeludos”, de hoje e jamais igualada por outro maestro, até mesmo **Cipião**, ou **Milano**. Era severíssimo na marcação. Cada músico, um artista, um cantor. Era imprescindível que todos tivessem boa voz. Depois, foram aparecendo novas organizações musicais.

E a tradicional **FESTA DA LIMPA**, Todo 6 de janeiro. A missa, a procissão, a festa profana, a comida regional, o velho carrossel, era um dia todo de passatempo agradável. Animavam-na, ainda, as demonstrações folclóricas, as danças, uma “esticada” até o Forte, penetrando o velho portão e sentindo nos seus desvãos, nas suas paredes vetustas, todas as suas lutas e a bravura de seus comandantes e soldados, portugueses, indígenas, holandeses e brasileiros.

Os festejos religiosos de **Santa Cruz da Bica** merecem o devido registro.

E a festa de **NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO**? Lá estávamos todas as noites, percorrendo a **Praça André de Albu-**

querque, assíduo nas barracas de prendas, atrás nas namoradas, olhando, ansioso, para aquela casa pintada de vermelho, e que aquele vulto moreno, grácil e lindo, chegasse à janela. Tenho esse nome e outros no meu coração. Houve ocasião em que, com alguns colegas do "Pedro II", entramos numa briga desigual com a turma de Severino Palito, conhecido provocador. Claro que, no dia seguinte, contamos no Colégio que fomos nós os vitoriosos, mas a verdade foi outra bem diferente.

São passagens vivas, emocionais, que a gente tem vontade de apertá-las sempre no coração, revê-las como um álbum de família, pleno de recordações, fechando os olhos para melhor sentir e ouvir aquele toque da caixinha de música, toque cadenciado, terno e saudoso no ressuscitar destas saudades.

NATAL de tantos governadores, prefeitos, deputados, vereadores, todos trabalhando pelo seu progresso, querendo que ela seja tão bonita como as grandes capitais, exaltando-a, promovendo-a, de magistrados e advogados que honram a nossa Justiça, de uma sociedade moderna, atuante, de uma medicina altamente qualificada, com seus hospitais modernos. Natal universitária com tantas Faculdades mostrando aos moços de hoje que são fáceis, agora, os caminhos do saber, de mestres dedicados e competentes, de escolas para todos. Natal intelectual, de tantos escritores e poetas, de artistas consagrados, musicistas renomados, de uma imprensa moderna, falada e escrita, como é chamada. Terra onde nasceu LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, o grande etnógrafo, escritor, antropólogo, historiador e professor emérito, que tanto honra as letras natais e que abriga todos no seu coração grandioso, sempre afeito à prática do bem, na majestade de um lar feliz. Natal católico, de sacerdotes e bispos cômicos de seus misteres e deveres. Natal de outras religiões que também levam os homens a Deus. Natal de corporações militares, disciplinadas, das bases Naval e Aérea modernas, em defesa do Brasil!

NATAL DO MEU TEMPO, do meu Colégio "Pedro II", das gazetas escolares, dos passeios de bicicletas, do bonde a cem réis, que descia, vertiginosamente, a Avenida Junqueira Aires, ou ia ao final das linhas de Petrópolis e Tirol. Natal do velho **Ateneu Norte-Riograndense**, do **Colégio Santo Antônio**, que ficava numa rua de moças namoradeiras e lindas, e das Escolas **Normal e Doméstica**, "pontos estratégicos" de todas as tardes, de nós, estudantes, no assédio à maneira de Lovelace, aos

olhares e sorrisos de suas alunas.

NATAL ESPORTIVO, do "América", do "ABC", do "Alecrim" e do velho "Santa Cruz" na prática do esporte bretão. Das regatas disputadas entre o "Centro Náutico" e o "Esporte", das moças da AFA e do "Centro Esportivo", do Estádio "Juvenal Lamartine" ao atual "Castelo Branco", considerado um dos melhores do Brasil.

NATAL de tantos amigos e familiares que dormem o sono eterno no velho Campo Santo do Alecrim, e, agora, nesse novo Cemitério da Saudade onde mora, eternamente, meu querido irmão e para onde virão, em breve, os restos mortais de meus genitores!

NATAL dos idos de 1928, ano inesquecível. O menino do interior via o bonde e os ônibus pela primeira vez, assim como ruas calçadas, um Palácio de Governo e uma Prefeitura, em prédios imponentes, praças arborizadas e bonitas, como a Augusto Severo e a Pedro Velho. Via, ainda, um colégio grande, meninos mais ativos e ladinos do que aqueles das cidades de onde viera. Ao passar na companhia de um deles defronte à Igreja Presbiteriana, esse colega, numa gozação, mandou que tirasse o meu chapéu e me benzesse. Assim o fiz. Natal da Rua dos Tocos que foi Treze de Maio e hoje é Princesa Isabel, onde morei e onde morou, no seu tempo, o escritor Peregrino Júnior, que a relembra sempre saudoso. Sempre que venho a Natal, vou quase ao final dessa rua, paro diante daquela casa onde vivi e senti que um mundo novo me abria as portas para a vida, lembro um nome — Helena — e volto a viver aquele tempo que se foi. Aqui cheguei de calças curtas e com alguns meses passei a usá-las compridas. Já me considerava um Homem! E o menino tem que ser homem, desde cedo.

NATAL evocativa desse tempo. Das bancas do "Pedro II" para as lutas políticas, do meu mandato legislativo, exercido de 1947 a 1951, como deputado à Assembléia Constituinte e Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte e Membro de sua Mesa Diretora, quando encerrei minha carreira política. Natal de minha gestão como diretor de "A REPÚBLICA", em período conturbado da vida partidária estadual.

NATAL dos dias agitados da II Grande Guerra, "Trampolim da Vitória", pela preservação, no mundo, dos ideais democráticos, à **Barreira do Inferno** de hoje, sempre de pé pelo Brasil! NATAL dos dias presentes! De bairros residenciais, modernos, que a visão de Alberto Maranhão plasmou futuro adentro. De ruas e avenidas largas, de árvores frondosas que tanto a

embelezam, de residências aprazíveis. Bairros que são um convite ao descanso reparador, numa bela vivenda, no vaivém de uma rede acolhedora, bafejada por esses aliseos que vêm do lado do mar, lendo os livros de nossa predileção, escrevendo aquilo que sentimos. O que se vê, andando o tempo, é que Natal continua acolhedora, fraterna, nossa eterna enamorada.

NATAL moderna, aprazível, feiticeira, sofisticada, com suas praias emoldurando toda orla marítima, deixando-se abraçar pelo fragor das ondas. **Circular, Redinha, Praia do Meio, Areia Preta, Pirangi**, além de outras, aí estão para o beijo molhado dessa nova geração na busca do bronzeado da cor e aprimoramento das formas. Ei-las, lindas e sugestivas praias, enfeitando-se de verde e do rendilhado branco das espumas de suas águas que se espraíam para o beijo morno e prolongado a uma terra que é uma festa permanente para os olhos!

É esta, senhores, a terra natalense que tanto queremos e amamos, de um tempo bom que se foi a este que estamos vivendo. Natal deste momento inesquecível, quando as correntes políticas desta Casa se unem para conferir ao conterrâneo e amigo, um título que hei de conservar sempre como uma glória que passarei aos meus netos e, por que não dizer, assinala um acontecimento marcante na minha vida.

NATAL que me dá, hoje, o título de CIDADÃO NATALENSE, que recebo neste momento através da palavra brilhante do nosso Presidente, Dr. Érico de Sousa Hackradt, homem de espírito permanentemente aberto ao diálogo construtivo, sempre a serviço de sua terra, e que me saudou com palavras expressivas e bonitas, de conceitos admiráveis de cultura, que agradeço cheio de emoção. Digo a esta terra que é a do nascimento de minha Mãe, que me sinto honrado por este acontecimento e que aqui estarei sempre pronto a ajudá-la a crescer e progredir, a zelar pelo seu patrimônio histórico e intelectual dentro de minhas forças e possibilidades.

Os meus agradecimentos, pois, a todos os desta Casa, pela unanimidade dessa votação que muito me emocionou, aos que aqui vieram testemunhar o seu apreço ao conterrâneo fiel e ao bom Deus, na sua Onipotência, por haver-me concedido a felicidade deste momento!

Com o pensamento fixo na grandeza do Brasil, na paz entre os homens de boa vontade, direi, emocionado e feliz: MEUS CAROS AMIGOS, MUITO OBRIGADO!

Natal, 26-09-974

BIBLIOGRAFIA

- 1 — HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE — Luís da Câmara Cascudo.
- 2 — HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL — Luís da Câmara Cascudo.
- 3 — OS HOLANDESES NO RIO GRANDE DO NORTE — Luís da Câmara Cascudo.
- 4 — POESIAS COMPLETAS — Ferreira Itajubá.
- 5 — ROSEIRA BRAVA E OUTRAS POESIAS — Palmira Wanderley.
- 6 — ESPINHO DE JUREMA — Jaime dos G. Wanderley.
- 7 — TROVADORES POTIGUARES — Gumercindo Saraiva.
- 8 — LIVRO DE POEMAS — Jorge Fernandes.
- 9 — NATAL DO MEU TEMPO — João de Amorim Guimarães.
- 10 — SINTESE — Edinor Avelino.
- 11 — ARCO-IRIS — Irma de Varela.
- 12 — POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE — Ezequiel Wanderley.
- 13 — PANORAMA DA POESIA NORTE-RIOGRANDENSE — Rômulo C. Wanderley.
- 14 — A CANÇÃO DA MONTANHA — Otoniel Meneses.
- 15 — TRICAS E FUTRICAS — João Carlos de Vasconcelos.
- 16 — PRIMAVERAS — Cassimiro de Abreu.
- 17 — ORAÇÕES ACADÊMICAS — Nilo Pereira e Walter Wanderley.
- 18 — MINHA FORMAÇÃO — Joaquim Nabuco.
- 19 — HISTÓRIA DE MINHA INFÂNCIA — Gilberto Amado.
- 20 — CASA GRANDE E SANZALA — Gilberto Freire.
- 21 — Coletânea de Cosme Lemos.
- 22 — O ANO DO NEGO — José Américo de Almeida.
- 23 — EU — Augusto dos Anjos.
- 24 — MÚSICA NO DESERTO — Esmeraldo Siqueira.
- 25 — LIRA DE POTI — Antônio Soares.
- 26 — CRÔNICAS, CONTOS E POESIAS — Minervino Wanderley de Siqueira.
- 27 — POESIAS — Renato Caldas.
- 28 — ÚLTIMO CANTO — Luís Rabelo.
- 29 — AS PALAVRAS, A AMIZADE E O TEMPO — Walter Wanderley.
- 30 — MOSSORÓ NA POESIA DE COSME LEMOS — Walter Wanderley.
- 31 — FAMÍLIA WANDERLEY — Walter Wanderley.
- 32 — NATAL EM NATAL — ARTES POPULARES — REVISTA DO DINERS CLUB — Raimundo Nonato.



